



Na UTI

"Todos os seres humanos mentem. Sintomas não mentem" – Dr. Gregory House¹

A medicina moderna está tão avançada que hoje é possível manter um paciente vivo na UTI por vários meses, enquanto que, em outras épocas já teriam falecido. Os médicos combatem a falência geral do corpo, quando seus órgãos se recusam a funcionar, parando um após o outro. Incansáveis, **eles utilizam todos os métodos e tecnologia com um único objetivo: dar uma sobrevida ao paciente, mesmo se nela não houver qualidade.** Se o paciente sobreviverá mais que algumas semanas ou meses não é a preocupação imediata da Unidade Intensiva. O essencial é mantê-lo vivo no presente, a qualquer custo. Mas a situação sempre é triste para família, que luta entre o sofrimento e a esperança; a dor e a fé.

O Brasil está doente. O problema atual não é só de integridade do setor público mas também de incompetência. Não só roubaram mas, assim como os bárbaros da era medieval, destruíram enquanto pilhavam. Uma tática errada: não é prudente matar a machadadas a galinha dos ovos de ouro. A moléstia não é um mísero resfriado mas uma desgraça que nos internou na UTI. **Uma doença artilosa e de difícil diagnóstico tomou conta do país em 2002. Permaneceu por doze anos apodrecendo as instituições públicas antes da identificação da origem do problema, que por muito tempo foi atribuído à outros agentes, principalmente às crises do exterior.** A doença foi escondida e o povo facilmente enganado pelo discurso populista do governo: mentiras fantasiadas de verdade. Sabemos que o quanto mais rápido tratamos a doença, melhor a chance de cura. Agora pode ser tarde demais. **E como filhos desta pátria estamos entre a realidade e o nosso infundável otimismo (inerente a todo ser humano). Nos resta lutar ou fugir.**

O governo se mexe rapidamente para manter o país vivo. Fez novas promessas. Jogou a culpa da corrupção em outro governo. Mandou os militantes para rua. Mudou a equipe econômica. **Apesar da boa vontade do Joaquim Levy e equipe, os danos são graves demais enquanto sua atuação é limitada, dado que qualquer corte de verbas é feito com um tremendo custo político.** O veneno está no sistema circulatório. Foram muitos anos comendo gordura e açúcar, bebendo demais e não fazendo exercícios. Mas a medicina é moderna, e mantém nosso país vivo, na UTI, mas vivo. **E por quanto tempo teremos nosso país assim? Qual o limite da esperança? Um milagre? Um impeachment?**

Se julgarmos pelas mobilizações nas redes sociais para o *impeachment* de Dilma, talvez nem tudo esteja perdido. Aliás, caro leitor, chegamos no ponto de discussão. **A história se repete. O otimismo pelo impeachment vem das mesmas pessoas que clamaram nos veículos de comunicação que o PT seria derrotado na eleição, primeiro por Marina e depois por Aécio.** É novamente a falácia do *wishful thinking*, a ideia de tomar os desejos por realidades. Pelo menos os ativos financeiros ainda não precificam essa possibilidade ou voltariamos à

volatilidade sem sentido da época de eleição. **Monitoraremos a manifestação planejada para março para ver se haverá alguma força política real por trás deste desejo de impeachment.**

A UTI não é um caminho que necessariamente acaba em morte. Se a doença não for tão perigosa quanto parece, ou os remédios forem eficientes, a esperança não deve ser ignorada. **Mesmo com pequena probabilidade de acontecer, não desprezaremos um desfecho feliz para o Brasil. Milagres acontecem, somos otimistas por natureza.** Mas qual milagre seria? O ideal seria um *impeachment* de Dilma e uma aproximação do PMDB com o PSDB, ostracizando o PT. Menos improvável seria a manutenção do país na UTI junto com um enfraquecimento contínuo do PT, culminando no PT perdendo a próxima eleição e desaparecendo do mapa. **O risco sempre será a volta de Lula (em um novo partido se necessário for), se ele ainda tiver saúde para isso.**

Em fevereiro, o destaque do mercado nacional ficou por conta da Petrobrás. **As investigações do Petrolão continuam, o balanço auditado ainda não apareceu e sua dívida foi rebaixada pela Moodys, carimbando os papéis da estatal com o grau de não-investimento.** Não foi uma surpresa, e os preços já refletiam esse rebaixamento. Mais interessante foi a reação do governo dizendo que a Moodys "não entende da Petrobrás". Isso nos lembra o caso da analista que foi despedida do Santander (mesmo estando certa) e **mostra a completa falta de controle e nervosismo do governo.**

O dólar intensificou o movimento de valorização frente ao real e fechou o mês cotado a 2,85, com valorização de 6%. Atualmente não vislumbramos grandes ganhos em aplicações em dólar, vis-à-vis o diferencial de juros entre Brasil e EUA, **mas recomendamos uma alocação estratégica offshore de longo prazo como proteção patrimonial.** A bolsa brasileira fechou o mês com alta de 10%, em 51.583 pontos. Vemos isso como um movimento técnico dado a posição depreciada que a bolsa estava no começo do mês. Mantemos nosso call que **a bolsa deve se manter oscilando em torno de um preço justo atual para o Ibovespa de 50 mil pontos. Portanto fique fora desta volatilidade.**

No exterior, o destaque principal continua sendo a indefinição com os juros norte-americanos. Os juros do *treasury bonds* de 10 anos subiram de 1,7% para 2,0%, revertendo a tendência de janeiro. Janet Yellen, presidente do FED, disse que a decisão para aumentar os juros dependerá se dados futuros deixarem o comitê "razoavelmente confortável" que a inflação de fato irá para seu alvo de 2%. Em 2014, esperando uma alta mais forte e mais cedo dos juros, muitos gestores deixaram de ganhar dinheiro pois mantiveram enormes percentuais em caixa. Não foi o nosso caso. Encurtamos e desalavancamos as posições gradualmente, captando a rentabilidade em 2014 e protegendo a de 2015. **As ações americanas neste mês se valorizaram 5,5%, em linha com nosso recente call de investimento. Ainda acreditamos que é o melhor ativo de risco para alocar uma pequena parte do patrimônio no exterior.**



1. Personagem principal de uma aclamada e premiada série médica norte-americana, exibida de 2004 a 2012, interpretado pelo ator inglês Hugh Laurie.